A todas as minhas boas meninas que sabem que apaixonar-se pelo rei de um clube *motard* fora da lei não significa que a vossa missão de vida seja mudá-lo. Pelo contrário, significa aceitarem o vosso lado malvado e tornarem-se a sua rainha durona.

# glossário da gíria do clube

**MC:** *Motoclube*
**Assuntos do clube:** *Atividades ilegais/não ilegais que beneficiam o clube*
**Colete:** *Colete ou blusão com a insígnia do clube*
**Galdéria:** *Rapariga que frequenta o clube, muitas vezes oferecida para sexo ou serviços, e que espera tornar-se patroa de um dos membros*
**Patroa:** *Mulher ou namorada de um membro do clube*
**Incorporação:** *Quando um MC se apodera de outro*
**Fada:** *Boa menina, princesa*
**Lula:** *Farsante que não é respeitado pelo clube, alguém que não possui o senso comum dos* motards
**Código:** *As regras pelas quais se regem os membros do clube*
**Capela:** *Sala na qual o clube tem as suas reuniões diárias/semanais*
**Missa:** *Reunião para discutir os assuntos do clube*
**Presidente:** *Nível mais elevado de poder. O chefe. Aquele que realiza negócios*
**VP:** *Vice-Presidente*
**Executor:** *Faz cumprir as leis do clube, protege os detentores do emblema do clube, defende a reputação do clube, dá assistência na resolução de conflitos*
**Sarg.-Mor:** *Sargento-Mor, protetor do presidente, o seu braço direito*
**Candidato:** *Aprendiz do clube. Normalmente usa o emblema de candidato durante um ano para provar a sua lealdade através do serviço, confiança e uma série de tarefas de merda que mais ninguém quer fazer*
**Concentração:** *Encontro de* motards, *normalmente por diversão, mas onde também se resolvem assuntos do clube*

# *playlist* de wolfe & brinley

1. *God's Gonna Cut You Down*, Johnny Cash
2. *Hummingbird*, Carly Pearce
3. *Enter Sandman*, Metallica
4. *Hotel California*, The Eagles
5. *Killing In The Name of*, Rage Against The Machine
6. *Seven Nation Army*, The White Stripes
7. *Sweet Child O' Mine*, Guns N Roses
8. *Hard Row*, The Black Keys
9. *Are You Satisfied*, Reignwolf
10. *Ghetto Cowboy*, Yelawolf
11. *Desperado*, Upchurch
12. *Vincent Black Lightning 1952*, Logan Halstead
13. *Power Over Me (Acoustic)*, Dermot Kennedy
14. *Simple Man*, Lynyrd Skynyrd



# PRÓLOGO

## Gabriel

### A ARTE DA GUERRA DE UM PRESIDENTE

Em duas gerações, serás completamente esquecido.

A ilusão de que não o serás faz com que continues.

A ilusão de que, de alguma forma, és diferente.

As ilusões não servem a ninguém.

As ilusões que temos sobre nós mesmos fazem-nos sentir bem com o que fazemos todos os dias.

Crescer, casar, trabalhar, ter filhos, criá-los, morrer.

Para quê? Para a maioria das pessoas, para simplesmente regressar à terra e ser esquecido.

Em contrapartida, nada disso importa.

De pé, sobre o corpo espancado do homem de meia-idade que violou uma das irmãs mais novas de um dos meus homens, não sinto pesar pelo seu fim eminente. Não sinto remorsos.

Pelo contrário, sinto todas as coisas que dizem que não se devem sentir quando se tira uma vida.

Alegria.

Satisfação.

Deleite.

O seu corpo ensanguentado e quebrado faz-me sentir em paz.

A ilusão de que matá-lo deveria atormentar-me não é real.

Já vi o suficiente para saber que existe apenas o aqui e agora, não existe o depois. E o facto de eu ser bom ou mau não influencia de todo o meu destino.

— Não quero morrer… por favor, não sabia que ela tinha dezasseis anos — lamuria-se ele.

A baba e o sangue que lhe escorrem da boca formam uma poça à sua frente sobre a lona, onde a maioria dos seus dentes repousa agora.

— Desculpem, a decisão não foi minha… Não tive escolha.

— *Nã*… não inventes desculpas. Há sempre uma escolha. É triste como a porra sair assim de cena, meu — atira o Mason, o meu tesoureiro e irmão mais velho da miúda que este caralho pervertido drogou, violou e filmou para ficar com o registo fotográfico das suas conquistas doentias, cuspindo e dando um cachaço ao tipo a quem chamam Gator. Eu devia saber que com uma alcunha como essa ele só podia ser um traste.

O Mason acena com a cabeça ao Kai, o meu executor. O Kai não diz uma palavra, parece uma parede de tijolo, sem mostrar um pingo de hesitação. Avança e posiciona-se atrás do Gator, segurando-lhe a testa com uma mão e mantendo-lhe a boca aberta com a outra.

O Mason pensa por um minuto, olhando para dentro da boca do Gator para ver o que resta. Não tem muito por onde escolher, mas seleciona um molar traseiro. Prende-o com o alicate e arranca-o, deixando depois cair os pedaços partidos ao chão por entre aqueles gritos distorcidos e pacíficos que me elevam a alma.

Chegou a minha vez.

Acendo de novo o maçarico de butano, chegou a hora de retirar mais um pouco de tinta do pescoço e braço esquerdo do Gator, onde ele tem a insígnia dos *Disciples of Sin*.

O seu clube é nosso inimigo natural há anos, desde os tempos em que o meu avô, Ira Wolfe, iniciou o nosso legado, os *The Hounds of Hell*, na década de 1960.

Sorrio ao ver o terror no rosto do Gator quando avanço predatoriamente na sua direção, o sangue, escuro e espesso, está a escorrer-lhe da boca agora com mais intensidade do que a baba.

Passo os dois primeiros dedos pela chama enquanto o observo; ou o que resta dele. Não faço ideia como continua a recuperar os sentidos a esta altura.

Tudo o que queremos é um nome, e ele está a aguentar-se muito mais do que eu pensei que aguentaria.

— Está na hora de tirar mais tinta, a não ser que estejas pronto para falar — digo-lhe. Na verdade, paramos quando o fedor a carne queimada fica demasiado intenso dentro desta pequena cabana. — É a tua última oportunidade de fazeres a coisa certa — reitero, tirando proveito do instinto humano de que a salvação é real.

Ele paira no limite da consciência quando a minha chama lhe chega à pele. É então que acorda com um salto, de olhos vermelhos e arregalados enquanto grita. É um grito patético, na verdade, pouco mais do que um sussurro.

— Para… por favor. Foi o Foxx. Ele disse que queria que vos atingisse onde doesse mais. Estava só a fazer o meu trabalho, meu — geme ele.

— Até que enfim, porra — diz o Kai, acendendo um cigarro.

Era o que presumíramos, mas precisávamos da confirmação antes de planear a morte do presidente do clube deles.

Avalio o Gator. Os homens tendem a dizer a verdade nos últimos segundos das suas vidas, portanto tenho a certeza de que está a ser honesto.

— E as nossas clínicas? — pergunto. — Quem ordenou o roubo do nosso produto?

— O Foxx — responde ele, revelando o mesmo nome, o do presidente em vias de morrer, e olhando para mim com um olho minimamente aberto e o outro completamente fechado pelo inchaço.

— Por favor, Wolfe. Quero morrer. — A voz dele é um gemido. — Por favor… mata-me — implora o Gator.

Desligo a chama e pouso o maçarico. Movendo-me de novo na sua direção, agarro um punhado de cabelo com a mão enluvada, levantando-lhe o rosto patético para que olhe para a última alma que alguma vez verá.

— É patético como o caralho que me implores agora pela morte — digo entre dentes.

— Já ouvi o suficiente — diz o Mason do outro lado da sala.

Eu prometi-lhe. Aconteceu à irmã dele, por isso é ele quem manda.

O Gator solta um suspiro, aceitando o seu destino.

— *Por favor* — murmura ele.

Saco da minha arma e aponto-lha à testa. Quando estou prestes a disparar, o Kai diz o meu nome e acena com a cabeça em direção ao outro lado da divisão na minha periferia.

Sigo o seu olhar até à porta da cabana e vejo terror. A forma mais crua de linhas de medo no seu rosto perfeito através da tela. Os seus longos cabelos cor de ónix esvoaçam com a brisa do mar em volta dos ombros iluminados pelo luar.

Posso ser um assassino, mas não sou um selvagem. Se tivesse outra escolha, nunca desejaria que ela visse isto, mas agora ela fez a sua própria cama.

Não faço ideia como nem porque ela está aqui, mas não há volta a dar. Os meus olhos fixam-se nos seus à medida que a inocência se esvai daqueles lindos olhos azuis, da mesma cor que o seu vestido. Está de joelhos do lado de fora da porta da cabana.

Todas as esperanças que ela tinha em mim, no meu clube, estilhaçam-se ao seu redor e caem por terra.

Nunca lhe menti sobre quem sou. As esperanças que tinha eram somente suas.

Eu não finjo.

Sou o vilão que ela vê agora, mas não é tudo o que sou.

Ela vai aprender a compreender. Não tem outra escolha.

Encontro de novo os seus olhos, formando com os lábios a única escapatória que tenho para lhe dar, depois encosto a arma entre os olhos do meu prisioneiro e puxo a porra do gatilho.



# CAPÍTULO 1

## *Brinley*

— Na bancarrota? — pergunto, afundando-me na cadeira atrás de mim. Normalmente, tento não permanecer tempo suficiente no escritório do meu chefe para precisar de me sentar, mas neste momento não tenho outra alternativa.

O som dos trovões, o bater constante da chuva no vidro esta manhã, e o facto de ter enfiado a sandália diretamente numa poça de água quando atravessava a Briarwood Avenue a caminho do escritório deveriam ter sido as primeiras pistas de que o dia de hoje seria uma merda.

— Iá. O pedido de falência surgiu do nada — resmoneia o meu chefe, Paul, ao recostar-se na cadeira, fazendo uma pausa na arrumação do seu gabinete. Foi essa a cena que encontrei quando me chamou aqui para me dar a notícia.

Cruzo as pernas, puxando a saia para baixo para que ele não tente espreitar por baixo dela. Os homens olham para mim com um ar apreciativo desde os meus catorze anos. Foi por esse motivo que a minha mãe me cortou o cabelo pelo queixo quando eu andava no 3.º ciclo do ensino básico. Dizia que a cor preta natural e o facto de ser muito comprido atraía o olhar errante do tipo errado de homem. Eu odiava aquele corte e sempre me perguntei porque é que *eu* tinha de mudar

para impedir que um tipo de homem olhasse para mim. Raramente o cortei desde então, para grande espanto dela. Mesmo quando lhe dizia que o queria comprido porque o preferia assim, ela não concordava. A minha amiga Layla disse que não era o meu cabelo, mas sim o meu corpo, que fazia com que os homens olhassem, e eu não podia fazer muito quanto a isso. O meu chefe está sempre a olhar para algo que aprecia em mim. Apanho-o quase todos os dias a olhar.

Há três anos que aguento com noitadas, não ter vida social praticamente nenhuma, acordar de madrugada, olhares inapropriados e comentários deste homem, e um emprego que, na maioria das vezes, me faz chorar de tédio. Tudo pela possibilidade de poder tornar-me diretora de *design* quando me aliciaram com a reforma do meu supervisor no final deste ano. Tenho estado à espera disso para assentar, para mostrar ao Evan, o meu namorado, e à sua família, que se trata de uma carreira séria que me pode levar longe.

— Não sei o que te diga, boneca. A notícia veio da direção ontem à noite. As pessoas deixaram de comprar revistas de decoração, agora que está tudo disponível *online* e há *apps* para se fazer *design* de espaços.

Levanto a cabeça e fixo os olhos no meu chefe seboso. Os cabelos puxados de um lado para o outro para lhe cobrir a careca estão especialmente despenteados hoje, e a camisa de poliéster, coberta de pelo de gato, está mais amarrotada do que o costume. Sempre me ensinaram que não se deve julgar ninguém pela sua aparência, mas a dele assenta-lhe como uma luva. Ele trabalha como se veste: de forma confusa e desorganizada.

— Brinley — digo, lembrando ao Paul que não me chamo *boneca*.

*Cala-te e sê bem-educada*, diria a minha mãe. Ela dir-me-ia para não arruinar relações de forma irremediável, mas isso não interessa agora, na verdade. Que diferença faz se lhe disser quão nojento penso que ele é? A partir do meio-dia de hoje, estou oficialmente desempregada.

— Certo, desculpa, esqueci-me de que és sensível — diz ele, erguendo os braços num gesto de tréguas.

*Eu não sou sensível, seu parvalhão. Só não aprecio que olhes para mim todos os dias como se eu fosse uma sobremesa.*

— Vais receber uma indeminização, seis semanas de pagamento total, da direção, e as quatro semanas de férias que ainda não gozaste — diz ele, empurrando os óculos para o cimo do nariz. — Ouve, eu sempre gostei de ti, *Brinley*.

O facto de ele enfatizar o meu nome só para provar que pensa que sou sensível não me escapa. Olho-o nos olhos e fico com vontade de vomitar. O meu sexto sentido diz-me que ele pensa em mim de formas bastante inapropriadas.

— Seria um prazer dar-te uma boa referência. Que tal irmos beber um copo e falar sobre o que gostarias que eu escrevesse na carta de recomendação?

Ele continua a abrir o resto da correspondência como se a forma como está a falar comigo fosse bastante profissional.

O meu cargo de assistente de direção de *design* pagava-me uma ninharia. Com que então, o que estou a ouvir é que, se fizer a jogada certa, e deixar que este homem olhe abertamente para o meu peito e dividirmos a conta num bar reles qualquer, recebo a referência que já é minha por direito?

Dirijo-lhe um sorriso doce e cruzo as mãos no colo, resistindo à tentação de o apunhalar com o abre-cartas, sendo cortês, como sempre me ensinaram.

— Oh, Paul, eu não vou fazer nada contigo, mas aceito a carta de recomendação porque ma deves depois de ter aguentado três anos dos teus olhares pervertidos. Eu sei que a Brenda não ia gostar de ouvir quantas vezes te apanho a fazer isso — menciono a mulher dele ao levantar-me e espero que ele não repare que estou a tremer como varas verdes. — Obrigada pela oportunidade. Não posso dizer que tenha sido um prazer.

Contenho a minha necessidade de lhe dizer que é um porco nojento. Inclino a cabeça para o lado e sorrio ainda mais, o tipo de sorriso que a minha mãe, Wendy Beaumont, faria para mostrar quão insignificante ele é.

— Fico à espera dessa recomendação antes de ir embora, ou a minha primeira paragem amanhã de manhã vai ser no departamento de recursos humanos.

O meu ex-chefe não fala, limitando-se a inclinar-se para a frente, como se estivesse a decidir se estou a fazer *bluff* ou não. Os botões da camisa dele sofrem sob a pressão da barriga de cerveja.

— Boa sorte, Brinley. Ao meio-dia já terei a carta para ti — diz ele com humildade.

*Uau, imitar a minha mãe funciona mesmo.*

Assinto e viro-me, sentindo-me orgulhosa de mim por enfrentar o Paul enquanto contorno a esquina em direção ao meu gabinete minúsculo ao fundo do corredor. Normalmente, não seria capaz sequer de corrigir o meu pedido na *Starbucks* se este viesse errado. Limitava-me a sorrir e a agradecer antes de o deitar fora. Um efeito secundário de anos a ouvir que se deve ser vista mas não ouvida.

Sinto o telemóvel a vibrar no meu bolso quando fecho a porta atrás de mim.

EV

Vou cortar o cabelo depois do trabalho, vejo-te em casa às seis. Mal posso esperar para partilhar esta noite contigo, não te atrases amor, fiz reserva.

O Evan anda a planear esta noite comigo há uma semana e tem sido bastante misterioso sobre o assunto. O que me leva a crer que possa, *finalmente*, pedir-me em casamento. Depois de dois anos juntos, sinto que é o próximo passo a dar, e tenho andando a dar-lhe dicas há seis meses. Tenho tentado não forçar a situação, mas desde que a minha mãe morreu que me sinto desconexa, como se não pertencesse a lugar nenhum ou a ninguém. Ter um marido como o Evan, quiçá começar uma família, exatamente como a minha mãe sempre quis, vai ajudar-me a sentir que talvez esteja no caminho certo, um caminho de que ela e o meu pai se teriam orgulhado.

O problema é que sei que ele tem enfrentado dificuldades para terminar o último ano do curso de Direito e tudo o que quer é acabar e agradar aos pais.

Solto um suspiro, quero ser honesta e dizer-lhe que acabei de perder o emprego, mas em vez disso tomo a decisão instantânea de esperar. Depois do dia que estou a ter, preciso seriamente de algo bom.

Estarei pronta. Vais dizer-me aonde vamos?

EV

Não. Mas prepara-te para uma noite capaz de mudar uma vida. 😉

Encosto-me à porta do meu gabinete e olho pela janela, para a parede de tijolo do edifício ao lado. Respiro fundo, tentando permanecer calma.

Esta manhã está a ser uma merda, mas ainda só é de manhã.

Talvez esta noite compense.



# CAPÍTULO 2

## *Brinley*

Sentamo-nos na parte de trás da limusine e o Evan aperta-me a mão gentilmente, banhando-me com o conforto que me oferece sempre.

— Estás muito bonita — diz ele, observando a forma como os meus cabelos compridos foram esculpidos num coque. Deixei algumas madeixas soltas e enrolei-as em ondas suaves da maneira como ele gosta e estou a usar o seu vestido preferido. Não é o meu, mas ele gosta da estrutura em forma de trapézio que cai ligeiramente a partir dos ombros e acentua a minha pele pálida. Ele diz que é bonito, mas que deixa algo para a imaginação.

Sorrio-lhe, sempre à espera de mais. De mais palavras, mais toque, mais paixão. Retribuo-lhe o aperto de mão, forçando-me a ser positiva. Precisamos desta noite. No último ano, ele tem andado tão ocupado com o curso que tem estado mais distante do que o normal. Se gostaria que me tivesse abraçado ou beijado quando entrou pela porta esta noite? Claro que sim. Que me tivesse encostado à parede e feito amor comigo com um mínimo de ardor ou necessidade antes que tivesse sequer descalçado os sapatos? Absolutamente. Mas esse não é o estilo do Evan. Desde que me lembro, sempre quis ter um homem que me quisesse tanto que lhe fosse impossível não me tocar. Enquanto as minhas amigas ansiavam pelo bonzinho dos filmes que víamos durante

a adolescência, secretamente eu queria o vilão com as mãos em volta da garganta da personagem principal. Quero um homem que olhe para mim como se não pudesse esperar por me tocar a qualquer hora do dia.

Quando era mais nova, disseram-me que o sexo era pecado a não ser que fosse com o homem com quem estivesse casada, por isso sabia que os meus desejos nunca seriam realizados, e, como tal, não havia mal nenhum em fantasiar com um homem assim.

Seja como for, a realidade mostrou-me que os homens assim parecem não existir no mundo real. Pelo menos não no meu mundo.

*Muito bonita* é o mais próximo de um elogio que o Evan alguma vez me fez, mas sei que o diz com sinceridade. Ao fim de dois anos, os elogios chegam em menor quantidade, mas o Evan é sempre gentil. Devia sentir-me grata por ter alguém como ele na minha vida. Ele sempre foi constante e confiável e damo-nos muito bem. Sempre nos demos.

Só de pensar que ele me deseja, as minhas coxas contraem-se. Tento lembrar-me há quanto tempo não o fazemos e fico triste quando penso que terá sido no seu aniversário, há uns meses.

— Estás bem? — pergunta ele quando solto um suspiro.

Olho para ele na escuridão.

— Perfeita — minto, antes de olhar de novo para o centro da cidade de Atlanta que passa pela minha janela.

Quando fico frustrada com a falta de tempo que passamos juntos, ele lembra-me que está apenas a assegurar o nosso futuro. Secretamente, espero que um noivado seja exatamente o que precisamos para reacender a chama entre nós. A minha cabeça enche-se de visões de um vestido branco e de todos os nossos amigos ao nosso redor, seguidas de visões dele a enfiar a cabeça debaixo desse vestido.

*Meu Deus, tenho de garantir que fazemos sexo esta noite.*

O Evan e eu podemos não ter uma carrada de paixão neste momento, mas vamos criar uma boa vida juntos, e isso deveria ser tudo o que quero. Consigo ver tudo isso agora: a cerca branca, ele à frente de um escritório de advogados e eu talvez com a minha própria loja ou como consultora numa empresa de *design*. Com sorte, teremos um ou dois filhos, pois tenho a certeza que, depois de o Evan passar o exame para a Ordem de Advogados, também irá mudar de ideias quanto a isso.

— Estás muito calada — diz ele.

Olho para ele.

— Estou só curiosa para ver o que tens na manga para hoje.

Sorrio, mas sinto-me um pouco culpada por não lhe dizer que perdi o emprego. Afasto rapidamente esse pensamento e perdoo-me. Quero que esta noite seja memorável. Não quero deixá-lo preocupado nem arruinar a experiência ou *stressá-lo*, fazendo com que mude de ideias.

Digo-lhe amanhã.

Passei a tarde a convencer-me. Agora tenho três anos de experiência e uma licenciatura em *design* no bolso, assim como uma carta de recomendação surpreendentemente excelente do meu ex-chefe seboso. Tenho a certeza de que depressa encontrarei alguma coisa, mesmo que não seja na minha área.

Estendo a mão no escuro e pergunto-me quanto mais tempo de viagem teremos. Deslizo a mão pelo joelho das calças do fato do Evan, subindo para o interior da coxa musculada; talvez possamos divertirmo-nos um pouco na limusine…

— Amor. — O Evan pega na minha mão antes que esta chegue perto do seu pénis. — Estamos quase a chegar.

Ele coloca a minha mão de novo no meu colo e o meu coração despedaça-se um pouco.

— Claro — respondo. — É só porque tenho saudades tuas.

Odeio quão patético isso soa.

— Oh, Brinley. Também tenho saudades tuas.

Nada de «Mal posso esperar por te tocar» nem qualquer tipo de toque de todo. *Sê grata*, lembro a mim mesma.

Dezasseis minutos depois — tempo mais do que suficiente para ter sexo na parte de trás da limusine, especialmente quando já passou tanto tempo desde que o fizemos —, chegamos ao restaurante preferido do Evan. Eu devia saber que era aqui que vínhamos. O Evan foi criado para esbanjar dinheiro e este sítio é caríssimo. A sua família sempre foi rica, e ele recebeu um fundo fiduciário substancial quando fez vinte e cinco anos, no ano passado. Por outro lado, o meu lugar preferido é um restaurantezinho em Virginia Avenue, com preços muito mais razoáveis, sossegado e rústico. A comida é autenticamente italiana e incrível.

— Vamos, amor, consegui uma mesa especial para nós.

Ele sorri-me com todo o seu charme de rapazinho, e não consigo evitar retribuir-lhe o sorriso. Ele inclina-se e beija-me o rosto. Lembro a mim mesma todo o esforço que ele fez esta noite: alugar a limusine, as flores que me deu, o fato que traz vestido.

Ambos fazemos girar algumas cabeças quando entramos. Dizem-me muitas vezes que o Evan se parece com o Brad Pitt enquanto novo. É o típico homem de sonho de qualquer mulher: rico, bondoso, bonito, com um futuro à sua frente.

Sentam-nos na melhor mesa do *Le Cadran Solaire*. Tenho de admitir que, com a vista de trezentos e sessenta graus da linha do horizonte de Atlanta a partir do último andar, a imagem que se vê pela enorme janela do chão ao teto é deslumbrante.

Conversamos casualmente enquanto bebemos vinho e pedimos entradas. A refeição é agradável, mas não consigo evitar a sensação desoladora de que o Evan não parece adequadamente nervoso para alguém que está prestes a declarar-se. Ele fala sobre todas as mudanças que estão a acontecer no escritório, dos nossos amigos e de mexericos aleatórios. Mais uma vez, não sinto que se trate propriamente de algo digno de uma proposta de casamento à medida que a noite passa.

Ao fim do jantar, o Evan pede a sobremesa com o sorriso mais doce nos lábios. *Cheesecake*, o meu preferido, e champanhe.

— Brinley, tu sabes quanto te aprecio — começa ele a dizer ao pegar na minha mão do outro lado da mesa.

O meu coração acelera. *É agora.* Como é que o vai fazer? Um copo com o anel de diamantes lá dentro? Caraças, eu nem sequer me importava se ele me desse um anel feito de cordel.

Estou prestes a ficar noiva do tipo de homem que os meus pais sempre quiseram para mim. Só queria que eles estivessem aqui para ver.

— Desculpa por ter andado tão distante ultimamente. Tenho andado sob muita pressão com a proximidade do exame da Ordem.

Coloco a mão sobre a dele e sorrio.

— Eu sei, e não faz mal.

— Faz, sim. Prometo que assim que passe o exame e este próximo capítulo se encerre, teremos mais tempo para passarmos juntos. Preciso

de saber se queres dar o próximo passo comigo, e se quiseres, isso vai exigir que sejamos abertos e honestos um com o outro e dispostos a fazer alguns sacrifícios.

Sorrio.

— Quer dizer, sempre imaginei seguir em frente contigo — digo hesitantemente, um pouco confusa com o início da conversa.

— Não vai ser fácil, mas se te mantiveres ao meu lado durante isto, podemos falar sobre dar o passo seguinte mais tarde. Se quando eu estiver completamente instalado e tu já tiveres orientado a tua carreira e recebido aquela promoção, talvez nessa altura terás até saído daquela revista e passado para algo um pouco mais proeminente.

Encolho-me, mas sorrio enquanto ele fala. O Evan sempre considerou a minha escolha de carreira um *hobby*. Foi essa a palavra que usou. Odeio que a encare como se tivesse menos valor por se tratar de um trabalho criativo. No espírito de não arruinar a noite, deixo passar.

O seu sorriso aumenta, ficando ainda mais bonito.

— Muito bem, querida, aqui vai. — Ele respira fundo. — Foi-me oferecido um cargo na *Foster Grant & Spire*, em Nova Iorque. É um contrato de um ano e pode ser alargado depois disso — diz ele, sorrindo com entusiasmo quando menciona uma empresa bastante proeminente.

*Espera lá, o quê?*

— D-desculpa? — pergunto, em choque, quando a nossa sobremesa e o champanhe chegam, sem diamantes à vista.

Ele sorri ainda mais, sem reparar que mil corações imaginários acabam de se destroçar e estilhaçar aos meus pés.

— Sim, eu disse-te que era algo capaz de mudar uma vida. É uma oportunidade fantástica para mim — diz ele.

Não para nós, para *ele*.

Retiro a mão da dele e dou um pequeno gole. *OK*, bebo meio copo de champanhe de uma golada só enquanto o ouço dizer quão prestigiosa é a oportunidade e que assim que o contrato de um ano terminar, ele poderá voltar e conseguir qualquer emprego que queira em Atlanta.

— Já aceitaste a proposta? — pergunto, com a voz trémula.

O sorriso dele desfaz-se.

— Claro que sim, pensei que ficasses feliz por mim, é um grande passo. Como te disse, capaz de mudar uma vida.

— Evan, não pensaste em consultar-me antes de te comprometeres a fazer com que nos mudássemos para o outro lado do país?

O Evan começa a abanar a cabeça, mostrando uma expressão que quase se parece com um choque estampado no rosto.

— Pensei… Amor, pensei que tu simplesmente ficasses aqui; eu sei que estás prestes a receber aquela promoção e eu podia fazer a viagem de avião de regresso de quinze em quinze dias.

*O QUÊ?!*

— Evan… eu…

Não tenho palavas. Que estúpida fui ao presumir que esta noite fosse sobre nós os dois, um pedido de casamento. Sobre o nosso futuro. Algo por que ansiar. O Evan é o tipo de homem com quem os meus pais sempre esperaram que eu casasse. Ouvir que nem sequer está a pensar nisso é… bem, é devastador.

— Além do mais, Brinley, preciso de me concentrar bastante quando lá estiver. Se não te importas, preferia que ficasses aqui. Somos ambos adultos, podemos lidar com uma relação à distância — acrescenta ele.

Recuo, encostando-me de novo à cadeira.

Não consigo impedir que os meus olhos comecem a marejar de lágrimas, e não importa o quanto tente impedir que as palavras se escapem, estas fazem-no.

— Pensei que me ias pedir em casamento esta noite.

Rio-me como uma doida através das lágrimas, sabendo exatamente quão patética e carente soo, sabendo também quanto o Evan odeia quando choro. Ele considera dramática qualquer tipo de emoção.

O Evan fica a olhar para mim, e sinto a distância entre nós como se alguém tivesse acabado de deixar cair um peso de quinhentos quilos em cima da mesa. Estamos em dois planetas completamente diferentes e não faço ideia como não me apercebi disso antes.

— Brinley, eu… Tu és linda e doce, mas casamento… não está no meu radar neste momento. A minha carreira tem de estar em primeiro lugar, e tu terias de… estabelecer-te mais antes que a minha família pudesse aceitar… isso.

*Au.*

— Com *isso* queres dizer *eu* — digo baixinho, usando o guardanapo para secar as lágrimas. — Queres dizer que não sirvo para ti — concluo com uma gargalhada antes de sorver o resto do champanhe e encher de novo o copo até cima.

— Amor, estás a fazer uma cena à frente do restaurante todo — diz o Evan baixinho, inclinando-se para mim.

Mal reparo nisso porque estou a entrar em parafuso.

*O que estou a fazer com este homem?* Como não vi isto? Tudo se desmorona à minha volta. Não temos uma relação. Somos companheiros de… quarto. Companheiros de quarto muito bons.

Bebo a outra metade do copo de um trago e é então que me cai a ficha. Estou farta de tudo. Farta de patrões que pensam que me podem empurrar de um lado para o outro durante três anos, de um namorado egoísta que pensa que vou simplesmente ficar à espera enquanto ele vive o seu sonho e eu me torno «melhor» para ele. Porque, pelos vistos, quem a Brinley Rose Beaumont é não serve para o Evan Radcliffe Júnior.

Levanto-me e olho de cima para ele, sentindo todas as células do meu corpo a dizerem-me para ser forte e que isto não é uma loucura total. Por uma vez na vida, não vou perder tempo a pensar demasiado nas coisas. Vou seguir o meu instinto.

— Não estou disposta a esperar enquanto decides se sou boa o suficiente para ti. — Encolho os ombros, falando apenas acima de um sussurro. — Por isso, acho que o que eu quero dizer é… boa sorte em Nova Iorque…

Uma lágrima gorda desliza pela minha face enquanto vejo os anos que partilhámos a evaporarem-se.

— Vá lá, Brinley, amor — diz o Evan, recostando-se na cadeira, mas não há vontade nenhuma nele. Nem sequer se levanta.

Giro sobre o calcanhar, usando toda a confiança que tenho para continuar a andar. Espero que ele me siga, espero que me diga que está pronto para me dar um futuro, mas quando chego ao átrio e às ruas de Atlanta, é óbvio que não o faz. Pego no telemóvel para chamar um Uber.

Enquanto espero, tentando impedir que mais lágrimas caiam, apercebo-me de quatro coisas. Não tenho emprego, estou prestes a ficar sem lugar para viver, desperdicei uma fatia perfeitamente deliciosa de *cheesecake*, e *todo* este dia foi oficialmente uma merda.